

# TEORIA DA LINGUAGEM EM SANTO TOMÁS DE AQUINO E EM GOTTLLOB FREGE

## *Algumas possíveis aproximações*

Carlos Tafarelo Leme<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da epistemologia de Tomás de Aquino e da filosofia da linguagem de Frege é possível aproximar os dois autores, que desenvolveram teorias da linguagem símeles. Com base nas exposições feitas na *Suma de Teologia* e no *Sobre o Sentido e a Referência*, intentou-se uma comparação - identificação e diferenciação - do pensamento desses autores.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino; Gottlob Frege, tomismo analítico, filosofia da linguagem, teoria da linguagem.

**Abstract:** Starting from the epistemology of Thomas Aquinas and Frege's philosophy of language is possible to bring the two authors, who have developed theories of language símeles. Based on the representations made in the *Summa of Theology* and *About Sense and Reference*, brought up a comparison - identification and differentiation - the thought of these authors.

**Keywords:** Thomas Aquinas, Gottlob Frege, analytical thomism, philosophy of language, theory of language.

---

---

<sup>1</sup> Mestrando da Faculdade de São Bento - SP, possui licenciatura em Filosofia pela UNIFAI. Pesquisa, atualmente, a Filosofia Medieval, com foco em Tomás de Aquino. Tem interesse também nas áreas de pesquisa vinculadas aos campos: Social, Religioso, Educacional e do Direito.

O centro desse artigo encontra-se em uma perspectiva de análise filosófica chamada de "tomismo analítico", que consiste em, a partir de pontos específicos da doutrina tomasiana<sup>2</sup>, pará-los com discussões contemporâneas, mais especificamente com a filosofia da linguagem de Frege, do Círculo de Viena e do primeiro Wittgenstein.

Isso não é uma novidade. Já tornou-se costumeiro usar da filosofia tomasiana para analisar, corroborar e até criar uma nova perspectiva filosófica (vide Joseph Maréchal e seu tomismo transcendental, que vincula Tomás a Kant). O grande impulsionador desse renovado interesse em Tomás de Aquino pelos contemporâneos deve-se a Encíclica *Aeternis Patris*<sup>3</sup>, do Papa Leão XIII, onde ecoa a instigante convocação para um reavivar da filosofia cristã, especialmente debruçando-se sobre a obra de Tomás.

A postura do tomismo analítico, de autores como Kenny, Geach e Anscombe, Beuchot, os filósofos do Círculo de Cracóvia, para citar alguns, não foi recebida por todos os tomistas clássicos com calorosa aceitação<sup>4</sup>.

O presente artigo visa uma aproximação entre a teoria da linguagem de Tomás, presente na "*Summa Theologiae*<sup>5</sup>", e a filosofia da linguagem de Frege, especialmente partindo do *Über Sinn und Bedeutung*.

---

<sup>2</sup> Usar-se-á tomasiano para toda referência direta a obra de Tomás de Aquino. Opõe-se essa opinião ao costumeiro uso de tomismo para tal. Tomismo, mais propriamente costuma a referir-se a obra daqueles que comentam, ou seguem, a linha de pensamento de Tomás. O próprio *Aquinate* não seria a favor da criação de um tomismo, considerando "ismo" como um sistema de conhecimento, sendo que, para Tomás: "nosso conhecimento é tão débil que filósofo algum jamais chegou a esgotar sequer a essência de uma mosca" - "*sed cognitio nostra est adeo debilis quod nullus philosophus potuit unquam perfecte investigare naturam unius muscae*". AQUINO. *Expositio in Symbolum Apostolorum*. Proêmio. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/csv.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2013. Para saber mais sobre o elemento negativo presente na filosofia de Tomás, consultar: PIEPER, J. *Luz inabarcável - o elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>>. Acesso em: 31 de agosto de 2012. Em contraponto, ver o artigo de HASLE, V. Filosofia na era da superinformação, ou: o que devemos ignorar para conhecer o que realmente importa. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 24, n. 78, p. 315-329, 1997.

<sup>3</sup> LEÃO XIII. *Encíclica Aeternis Patris*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_04081879\\_aeterni-patris\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris_en.html)>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

<sup>4</sup> Não será possível ao presente trabalho aprofundar sobre as razões dos elogios e críticas a essa aproximação filosófica. Para saber mais sobre elogios e críticas para tal relação, cf. SILVA. Marco Aurélio Oliveira da. *Considerações sobre o tomismo analítico*. Revista Aquinate, Rio de Janeiro, 2010, n° 12, p. 78 - 90. Disponível em: <[http://www.aquinate.net/revista/edicao\\_atual/Artigos/12/Artigo.7-Silva.pdf](http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Artigos/12/Artigo.7-Silva.pdf)>. Acesso em: 06 de novembro de 2012.

<sup>5</sup> As referências à Suma de Teologia serão feitas do seguinte modo: Seu título é chamado abreviadamente. Suas partes são designadas por algarismos romanos. Exemplo: ST. I, q.5, a. 2. Lê-se: Suma de Teologia, primeira parte, questão cinco, artigo dois.

Não será possível abordar todos os aspectos de ambas as obras e a amplitude de pensamento desses filósofos nas poucas linhas do presente texto, por isso, serão expostos os conceitos principais de ambas as obras. Por isso será usada a expressão "algumas" na exposição tanto dos conceitos quanto das aproximações.

Desse modo, expor-se-á brevemente sobre os dois autores, para posteriormente relacioná-los.

### ***Algumas noções presentes em Tomás de Aquino***

Tomás de Aquino não escreveu um tratado a respeito da linguagem. Todavia, encontram-se esparsas por sua obra noções importantes para a construção de uma teoria da linguagem tomasiana<sup>6</sup>. Em muitas obras de Tomás é possível encontrar tal conteúdo. Escolheu-se a *Suma de Teologia*, por conter a maturidade do pensamento desse autor. Essa sempre foi considerada o suprassumo de toda obra do Doutor Angélico<sup>7</sup>. Torrell diz: "(A Suma de Teologia) é ainda hoje a obra de Tomás mais utilizada e indubitavelmente a mais conhecida<sup>8</sup>".

A lógica é usada por Tomás como método de demonstração para qualquer conhecimento. Daí, para discorrer sobre a teoria da linguagem é necessário entender o funcionamento do intelecto humano, desde a simples apreensão - operação mais básica - até a formação do conceito (palavra pensada), para abordar como se dá o processo de comunicação (palavra expressada).

A simples apreensão é o ato pelo qual a inteligência percebe alguma coisa sem dela nada afirmar ou negar<sup>9</sup>. Essa intelecção indivisível tem como objeto uma natureza ou essência (quiddidade). Sendo uma natureza singular ou individual, não pode ser predicado por muitos, a não ser a si mesmo. Assim sendo, o intelecto, por abstração,

---

<sup>6</sup> Para citar algumas dessas obras: *Summa Theologiae*; *Contra Gentiles*; *De veritate*; *De anima*; *Sententia Libri De anima*; *Sententiam super Metaphysicam*; *De natura verbi intellectus*; *De interpretatione*; *De fallacis*; *De demonstratione*; *De quatuor oppositis*; *In II Analyticos posteriora*.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre a Suma de Teologia, consultar a obra recém-publicada de Carlos Josaphat sobre o assunto: cf. PINTO DE OLIVEIRA, Carlos Josaphat. *Paradigma teológico de Tomás de Aquino*. São Paulo: EDT, Paulus, 2012.

<sup>8</sup> TORRELL. 173.

<sup>9</sup> cf. MARITAIN. 35.

apreende a natureza do singular de modo universal, expressando-a num conceito, que poderá ser comunicado, expressado, através da linguagem.

A abstração, chamada de operação perfeita do intelecto<sup>10</sup>, consiste em separar de um singular sua materialidade e movimento, tornando inteligível o que existe fora do intelecto. Assim, o intelecto tende ao universal. Tomás diz:

*Pois a mesma natureza, a que acontece ser conhecida, abstraída, ou universalizada, não existe senão nos singulares, mas o ato mesmo de ser conhecida, abstraída está no intelecto. (...) Igualmente a humanidade conhecida existe só em tal ou tal homem. Mas que a humanidade seja apreendida sem as condições individuais, no que está a abstração, da qual resulta a ideia universal, isso lhe acontece enquanto é percebida pelo intelecto, no qual se encontra a semelhança da natureza específica, e não a dos princípios individuais (ST. I. Q. 85, a. 2).*

O intelecto ao abstrair considera a natureza singular naquilo que ela tem de universal, produzindo uma semelhança universal inteligível, que na realidade existe apenas no intelecto do sujeito. Por exemplo: a humanidade existe apenas enquanto conceito inteligível, na realidade existem apenas os homens individuais. Para Tomás, universal é aquilo que predica a muitos (oposição ao singular que predica apenas um). Este é produzido pela abstração intelectual, operação do intelecto pela qual a alma conhece o objeto.

Finalizando a abordagem sobre as operações internas da formação do conceito, palavra interna ou mental, é preciso definir o conceito em si, produto final do intelecto. Diz Tomás:

*O que entende, ao entender, pode ter uma quádrupla ordenação, a saber, à coisa que é entendida, à espécie inteligível, pela qual o intelecto se torna ato, ao seu entender e à concepção do intelecto (AQUINO. 1953. 215).*

---

<sup>10</sup> ST. I-II. Q. 4, a. 6.

Este processo pode ser dividido em quatro etapas concatenadas: a intelecção sobre a coisa (*res*); a espécie impressa no intelecto (espécie inteligível); a operação do intelecto sobre si; a formação, passiva, da concepção intelectual, ou conceito<sup>11</sup>.

Desse modo, o conceito é a palavra mental que dá significado ao nome, isto é, são produções do intelecto que significam alguma coisa (*res*). O conceito é "*o que o espírito produz ou exprime em si mesmo, e em que ele atinge ou apreende alguma coisa*<sup>12</sup>". Existe, também, diversidade na abrangência e extensão dos conceitos (por exemplo, o conceito de animal é mais extenso que o conceito de homem - animal racional).

Após a formação do conceito, dá-se a possibilidade de que este seja comunicado. Para tanto, o agente faz uso de diversos sinais. Essa comunicação do conceito através de sinais diversos chama-se linguagem. "*O conhecimento intelectual do homem traduz-se, exteriormente, num conjunto de sinais sensíveis, falados ou escritos, que compõem a linguagem humana*<sup>13</sup>". Sobre isso, diz Tomás:

*Esta concepção do intelecto em nós é propriamente denominada verbo, pois isto é o que é significado pelo verbo exterior. Com efeito, a voz exterior não significa nem o próprio intelecto, nem a espécie inteligível, nem o ato do intelecto, mas a concepção do intelecto mediante a qual refere-se a coisa (Idem).*

Os sinais, usados na linguagem, são de diversos tipos, como diz Faitanin: "*sinal é aquilo que serve para o conhecimento de outra realidade. A fala é a manifestação, pela voz, da palavra interior que se concebe com a mente*<sup>14</sup>". A linguagem escrita, por exemplo, é a fala expressada em formas gramaticais.

---

<sup>11</sup> O conceito refere-se tanto ao intelecto, por ser formado aí, e à coisa em si, por ser uma representação desta, uma semelhança.

<sup>12</sup> MARITAIN. 41.

<sup>13</sup> FAITANIN. In: SANTOS. 2011. 12.

<sup>14</sup> Idem.

A dinâmica existente entre o intelecto e a comunicação acontece em torno do conceito de "verbo" (traduzido por alguns autores como palavra ou expressão<sup>15</sup>). Tomás escreve um tratado para descrever a natureza e a geração da palavra no intelecto<sup>16</sup>.

Para o *Aquinate*, verbo é uma semelhança, uma similitude, da coisa inteligida<sup>17</sup>, "*significa, pois, a coisa mediante o conceito, pois segundo o modo como se lhe entende, assim lhe nomeia*"<sup>18</sup>. Sendo nomeada, a palavra torna-se uma voz com significado, ou seja, o conceito representado pela palavra e nomeado pelo intelecto é utilizado para significar uma coisa. O significado pode ser de três modos: unívoco, ocorre quando há conformidade do nome com uma única natureza (essência); equívoco, ocorre ao induzir várias coisas (*res*) por um mesmo nome; e por último, análogo, que ocorre quando se usa um mesmo nome em sentidos diversos. Assim, pode-se definir nome como um sinal do conceito inteligido expresso por uma palavra, seja esta falada ou escrita.

Resumindo, a teoria da linguagem em Tomás de Aquino pode ser dividida em duas etapas: uma interna, onde ocorre a formação do conceito a ser expresso, e uma externa, onde se comunica o conceito abstraído pelo intelecto.

### *Algumas noções presentes em Gottlob Frege*

Diferente de Tomás de Aquino, Frege tece em seus escritos, de forma clara e ordenada, uma teoria da linguagem. Partindo de sua *Begriffsschrift* (Conceitografia), obra inicial publicada em 1879, segue com *Die Grundlagen der Arithmetik* (Os Fundamentos da Aritmética - 1884) e com *Funktion und Begriff* (Função e Conceito - 1891), coroando sua teoria com seu principal artigo, o *Über Sinn und Bedeutung* (Sobre o sentido e a referência - 1892), que será tomado como fonte principal.

Em um escrito póstumo, Frege analisa sua teoria da linguagem, descrevendo seu itinerário filosófico, que foca no pensamento e na verdade:

---

<sup>15</sup> Existe divergência entre as traduções de Carlos Artur Ribeiro do Nascimento e de Paulo Faitanin, onde o primeiro traduz *verbum* por verbo e o segundo a traduz por palavra. Procurar-se-á dialogar entre as duas traduções, onde se achar conveniente, serão usadas uma e outra.

<sup>16</sup> Devido a complexidade do tema, procurar-se-á aprofundá-lo em outra oportunidade.

<sup>17</sup> AQUINO. 1953. 215.

<sup>18</sup> FAITANIN. In: SANTOS. 2011. 12.

*Parti das matemáticas. Pareceu-me que a necessidade mais premente era proporcionar a esta ciência uma melhor fundamentação...*

*As imperfeições lógicas da linguagem encontram-se no caminho de tais investigações. Tentei ultrapassar esses obstáculos com a minha conceitografia. Deste modo fui levado da matemática para a lógica.*

*O que caracteriza a minha concepção da lógica, é que começo por dar toda a dignidade ao lugar do conteúdo da palavra 'verdadeiro', e imediatamente introduzo o pensamento como aquilo a que a questão "É verdade?" se aplica em princípio. Assim, não começo com conceitos, unindo-os de modo a formar um pensamento ou um juízo; chego às partes de um pensamento, analisando o pensamento. (FREGE. 1979. 253).*

No texto supracitado, Frege expõe sua intenção inicial de dar uma maior fundamentação às ciências matemáticas. Somente depois disso, deparou-se com as disparidades existentes na linguagem.

Ele disserta em outro trecho de sua obra:

*Em vez de seguir cegamente a gramática, o lógico deveria antes ver a sua tarefa como a de libertar-nos dos grilhões da linguagem. Porque embora seja verdade que o pensamento, pelo menos nas suas formas mais elevadas, só é possível por meio da linguagem, temos que ter muito cuidado para não nos tornarmos dependentes da linguagem; muitos dos erros que ocorrem no raciocínio têm a sua fonte nas imperfeições lógicas da linguagem (FREGE. 1979. 143).*

O autor tem o intuito de purificar o pensamento das falhas encontradas na gramática. Tamanha era sua preocupação com isso, que no *Über Sinn und Bedeutung*, o primeiro problema é o da identidade<sup>19</sup>. Considerado fundador da Filosofia Analítica, Frege traz em sua obra a importante noção de análise, que deve ser esclarecido de início:

---

<sup>19</sup> FREGE. 2009. 129 - 130.

*Em Frege, pelo menos, análise da linguagem não significa qualquer coisa como uma fetichização do esclarecimento do significado, uma centração (sic) da filosofia na linguagem e na lógica em detrimento do interesse pelo que (da realidade) é pensado. 'Análise' não se identifica tão pouco com 'verdades analíticas' concebidas de certa forma (conviria aqui comparar a posição de Frege acerca do analítico com certas doutrinas do positivismo lógico, nomeadamente a formulação do chamado critério de significação e a distinção que este incorpora entre o analítico e o sintético, distinção que será criticada por W. V. Quine). Desde já se pode avançar que para Frege uma verdade é analítica se pode ser justificada apenas com a ajuda das leis lógicas, e de definições (MIGUENS. 85 - 86).*

Análise, como se viu, consiste em colocar a linguagem sob o julgamento da lógica e das definições, isto é, considera-se uma sentença é analítica se é somente se for demonstrável através apenas das leis lógicas e de definições.

Na teoria fregeana da linguagem, destacam-se também as ideias de sinal, de nome próprio e de sentença, de sentido e de referência.

Sinal é um nome, uma combinação de palavras ou mesmo algumas letras. A noção de nome próprio, para Frege, sempre traz uma referência. Frege diz:

*Nesse contexto fica claro que, por "sinal" e por "nome", entendo qualquer designação que desempenhe o papel de um nome próprio, cuja referência seja um objeto determinado (esta palavra tomada na acepção a mais ampla), mas não um conceito ou uma relação (...). A designação de um objeto singular pode consistir em várias palavras ou sinais. Para sermos breves, chamaremos de nome próprio toda designação desse gênero (FREGE. 2009. 131-132).*

O nome próprio tem referência determinada, isto é, tem uma ligação com um objeto real, não com um conceito ou relação. Essa distinção far-se-á importante ao aproximá-lo de Tomás.



Uma sentença é constituída por nomes próprios. Tanto os nomes analisados de maneira isolada, como a sentença<sup>20</sup>, têm sentido e referência.

Por referência do nome entende-se aquilo que por ele é designado e por sentido do nome entende-se o modo de apresentação do objeto. Na mesma passagem, Frege apresenta as duas definições:

*O sentido de um nome próprio é apreendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que o nome próprio pertence; isto, porém, só de maneira parcial elucida a referência do nome, caso ele tenha uma. Para um conhecimento total da referência, exigir-se-ia que fossemos capazes de dizer, de imediato, para cada sentido dado pertence ou não a essa referência. Isto, porém, nunca conseguiremos fazer (Idem. 132).*

Como referência da sentença Frege aponta para o valor de verdade, isto é, sua correspondência com a realidade, ou não. Sobre isso o autor diz:

*A referência da sentença subordinada é, conseqüentemente, um valor de verdade. E assim, podemos esperar que ela possa ser substituída, sem prejuízo para o valor de verdade do todo, por uma sentença que tenha o mesmo valor de verdade (Ibidem. 151).*

Por fim, como sentido da sentença tem-se o pensamento (*Gedanken*). Para Frege não se trata da operação mental, subjetiva, mas, sim de algo objetivo, de certo modo compartilhado por muitos<sup>21</sup>, uma espécie de conceito geral. Frege diz:

*Se substituirmos uma palavra da sentença por outra que tenha a mesma referência, mas sentido diferente, isto não poderá ter nenhuma influência sobre a referência da sentença. No entanto, vemos em tal caso que o pensamento muda; assim, por exemplo, o pensamento da*

---

<sup>20</sup> Aqui refere-se as sentenças assertivas completas, que são aquelas onde se pode avaliar o valor de verdade. Não contam aqui as sentenças não assertivas, isto é, perguntas, ordens, poemas, etc.).

<sup>21</sup> Poder-se-ia aproximar esse conceito de intelecto geral ao intelecto agente - exterior ao sujeito, de Avicena.

*sentença “a Estrela da Manhã é um corpo iluminado pelo sol” é diferente do da sentença “a Estrela da Tarde é um corpo iluminado pelo sol”. Alguém que não soubesse que a Estrela da Tarde é a Estrela da Manhã poderia sustentar um pensamento como verdadeiro e o outro como falso. O pensamento, portanto, não pode ser a referência da sentença, pelo contrário, deve ser considerado como o seu sentido (Ibidem.137).*

### ***Algumas possíveis aproximações entre as duas teorias***

Para ambos os filósofos é basilar o uso da lógica como padrão de demonstração, de análise. Tomás, porém, usa a lógica aristotélica, de natureza formal, Frege, entretanto, abre espaço para uma nova lógica, baseada na matemática.

Kenny aproxima muito propriamente o doutor angélico e o filósofo analítico<sup>22</sup>. Ele inicia essa comparação apontando a noção de identidade. A partir da expressão "A = B", relaciona as concepções tomasianas e fregeanas:

*Uma proposição de identidade da forma  $A = B$  é tratado por Tomás de Aquino dizendo que A e B são idênticos na realidade mas diferentes em termos de conceito (idem sunt re, differunt ratione). Frege trata com o mesmo tipo de proposição dizendo que 'A' e 'B' tem a mesma referência (Bedeutung), mas num sentido diferente (Sinn) (KENNY. 2002. 196)<sup>23</sup>.*

Kenny percebe uma similitude, que expõe em um duplo triângulo semântico, onde relaciona alguns dos principais conceitos fregeanos com Tomás. Ele disserta:

---

<sup>22</sup> KENNY. 2002. 195 - 204.

<sup>23</sup> Tradução livre de: "An identity proposition of the form  $a=b$  is dealt with by Aquinas by saying A and B are identical in reality but different in concept (sunt idem re, differunt ratione). Frege deals with the same type of proposition by saying that 'A' and 'B' have the same reference (Bedeutung) but a different sense (Sinn)".

*Em seu ensaio "Sentido e Referência" Frege diz que uma afirmação de identidade pode ser informativa somente se a diferença entre os sinais corresponder a uma diferença no modo de apresentação do que é designado. Comparando à declaração de Tomás de Aquino: "o conceito expresso por um nome é o conceito intelectual da realidade referida pelo nome". Em cada um dos autores temos um sistema de três camadas:*

<i>Nomen</i>	<i>Name</i>
<i>Ratio</i>	<i>Sinn</i>
<i>Res</i>	<i>Bedeutung</i>

(Idem. 196 - 197)<sup>24</sup>.

Tendo em vista a exposição anteriormente feita sobre os conceitos tomasianos e fregeanos, compreende-se a semelhança encontrada por Kenny nesta passagem. O autor equipara em ambos os autores as noções de nome, identifica o conceito de Tomás ao modo de apresentação do objeto de Frege e a razão tomasiana com o pensamento fregeano, além de ter na coisa (*res*) a referência do nome<sup>25</sup>.

Silva comenta assim sobre a passagem de Kenny:

*Isto posto, assim como o triângulo de Tomás entre nome, conceito e coisa, podemos perceber em Frege um triângulo entre nome, sentido e referência. Há, contudo, a crítica fregeana ao psicologismo, que parece permear a tradição analítica que lhe sucedeu, ele estabelece uma distinção entre as ideias e os sentidos. Enquanto estes seriam independentes da mente, existindo em um reino platônico, as ideias teriam existência meramente psicológica, uma vez que seriam imagens mentais, cuja existência seria meramente subjetiva. Isto parece uma oposição ao pensamento de Tomás, que ao*

---

<sup>24</sup> Tradução livre de: "In his essay 'Sense and Reference' Frege says that a statement of identity can be informative only if the difference between the signs corresponds to a difference in the mode of presentation of what is designated. Compare Aquinas' statement: 'the concept expressed by a name is the intellect's notion of the reality referred to by the name'. In each author we have a three-tier system:

<i>Nomen</i>	<i>Name</i>
<i>Ratio</i>	<i>Sinn</i>
<i>Res</i>	<i>Bedeutung</i> ".

<sup>25</sup> Expôs-se a coisa apenas como a referência do nome para não adentrar na questão do valor de verdade. Valor este que pode ser identificado com a correspondência com a realidade, ou não. Sobre as várias concepções de verdade com relação à semântica, cf. TARSKY; MORTARI (org.); DUTRA (org.). *A concepção semântica da verdade, textos clássicos de Tarsky*. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

*ler o triângulo semântico presente no De Interpretatione de Aristóteles, interpreta os conceitos como afecções da alma, que tem tanto para o estagirita quanto para o aquinatense existência mental (melhor dito: no intelecto). (SILVA. 82).*

Viu-se na análise da teoria tomasiana que a linguagem se dá a partir do conceito, palavra pensada formada no intelecto. O conceito pode ser comunicado a um terceiro. Para Frege, a noção de conceito é objetiva, onde, de certo modo, é apreendida por todos. Esta noção não traz uma grande importância em Frege, o que gera uma disparidade entre os dois pensadores. A respeito do conceito em Frege, Soares disserta:

*O conceito não é, para Frege, nem um conteúdo mental, nem um produto (ou uma síntese) de um ato de pensar: um conceito é algo de objetivo que nós não construímos, que tão pouco se constrói em nós, mas que procuramos apreender e que, em última análise nós conseguimos de fato apreender, desde que não cometamos o erro de procurar uma realidade onde não existe nada. (SOARES. 8).*

Para Frege o conceito é um predicativo, algo referido em um predicado gramatical, aquilo que é possível se dizer do conteúdo de um objeto que ocupa o lugar do sujeito em uma sentença. O conceito, expresso em um juízo sobre um objeto, deve referir-se a uma qualidade do sujeito. Isso não poderia ser feito apenas através da designação de um nome de um objeto ou seu nome próprio, posto no lugar do predicado. Diferentemente, para Tomás de Aquino o conceito é construído pelo intelecto a partir do contato com a espécie inteligível, sendo um ente de razão, tem existência real no intelecto independente do objeto abstraído. A preponderância do conceito para Tomás também se constitui em uma forte diferença entre este e Frege.

Na comunicação do conceito reside mais uma diferença entre eles. Em Tomás, pois, o conceito é construído no sujeito e comunicado por cada pessoa; em Frege, o conceito é algo geral, predicativo, próximo ao pensamento, que somente pode ser exposto através de um termo conceitual - tirando a eficácia da linguagem ordinária. Frege define o termo conceitual assim:

*Também o termo conceitual deve ter um sentido e, para que tenha um uso científico, deve ter uma referência; esta, porém, não é nem um objeto, nem uma pluralidade de objetos, mas um conceito (FREGE. 2009. 165).*

Silva, distinguindo em Tomás entre o conceito e a imagem mental (*phantasmata*), disserta a respeito da diferença para o conceito em Frege, dizendo existir um problema de linguagem. Para ele, o que Frege entende por conceito em Tomás é a imagem mental:

*O principal da crítica ao psicologismo consiste no caráter privado das ideias, ou seja, as ideias seriam apenas imagens impressas na mente, o que seria privado (individual no vocabulário de Tomás) e, portanto, não poderia ser comunicado - ou seja, não seria um universal. Contudo, dado que Tomás distingue o fantasma do conceito, podemos perceber que embora para Frege haja uma identidade entre ideia e imagem mental, para Tomás, em contrapartida, a imagem ou fantasma é apenas o resultado interno na mente (no sentido comum, em Tomás) do que é percebido através dos sentidos externos (visão, audição, etc.). Portanto, enquanto para Frege, há uma relação de identidade entre ideia e imagem, para Tomás, há uma relação causal, na qual o intelecto produz um conceito a partir do fantasma ou imagem. Daí que para Tomás o conceito pode ser comunicado. Pois, desprovido do caráter imagético - seria algo imaterial e, por isso, desprovido dos elementos individuantes da imagem sensível - seria, então, passível de predicação (isto é, passível de comunicação) (SILVA. 83).*

Para finalizar este singelo pareamento entre Tomás e Frege, Kenny cita cinco teses comuns entre os dois, que serão citadas a título de ilustração:

- 1. Um nome próprio, um nome de uma pessoa, não é compartilhável em princípio.*
- 2. A natureza, ou um conceito, podem ser comuns a mais de um indivíduo. ( O indivíduo partilha a natureza, ou cai sob o conceito.)*

3. *Não há nada na natureza (conceito), que determina a quantos indivíduos isto é comum.*

4. *Existem algumas naturezas (conceitos) que, como uma questão de fato são peculiares a um indivíduo (por exemplo, o Sol e a Lua). Estes são compartilháveis em princípio.*

5. *Se um nome próprio parece surgir como um predicado, que é realmente uma palavra para uma propriedade ou conceito (Aquiles; Viena). (Kenny. 2002. 198 - 199)<sup>26</sup>.*

## **Considerações finais**

O tomismo analítico está longe de ser consenso entre os autores. Com uma rápida pesquisa é possível encontrar as mais diversas opiniões sobre o assunto, muitas contrárias a tal aproximação. Santos cita como autores que salientam esse tipo de tomismo nomes como os de Enrico Berti, Fernando Pascual, Sixto José Castro, além de José Ferrater Mora. O mesmo autor também cita nomes que, de certo modo, ignoram a existência de tal corrente filosófica, como Batista Mondin, Bonino e Enrique Alarcón<sup>27</sup>. Santos ilustra:

*Como é possível perceber pelo pequeno legue de discussões apresentadas anteriormente o tomismo analítico não é uma unanimidade nem entre os filósofos analíticos e nem entre os próprios tomistas. (SANTOS. 2011 (2). 23)*

Por conta disso, concluí-se neste trabalho que, mesmo com tantas controvérsias a respeito da relevância dessa corrente de pensamento, é preciso existir um constante retorno ao próprio Tomás, a suas obras. Se assim ocorrer, dificilmente perder-se-á algo

---

<sup>26</sup> Tradução livre de: "1. *A proper name, a name of an individual, is unshareable in principle.*

2. *A nature, or a concept, may be common to more than one individual. (The individual shares the nature, or falls under the concept.)*

3. *There is nothing in a nature (concept) which determines how many individuals it is common to.*

4. *There are some natures (concepts) which as a matter of fact are peculiar to one individual (e.g. the Sun and the Moon). These are shareable in principle.*

5. *If a proper name seems to appear as a predicate, it is really a word for a property or concept (Achilles; Vienna)".*

<sup>27</sup> Santos cita Paulo Faitanin, todavia, como ilustra a bibliografia deste trabalho, o autor escreve artigos e colabora com uma obra sobre o assunto do próprio Santos, por isso, não citou-se o nome dele nessa lista.

ao pará-lo com qualquer outro filósofo ou com alguma corrente filosófica. A grandeza de um autor clássico não será diminuída por causa do surgimento de uma corrente filosófica contrária, pelo contrário, deverá ser confirmada a relevância do pensamento deste ao trazê-lo a tona diante da contemporaneidade (às vezes tão líquida).

Por motivos óbvios, nunca poderá ser esquecida a própria obra do autor. Corre-se o risco muitas vezes de, ante tantos comentadores, esquecer-se da fonte, o que provocaria - e provoca - graves deturpações no pensamento de qualquer autor. Pode-se dizer que até ao próprio isso deva ter ocorrido.

Este opúsculo não espera esgotar, nem de perto, o assunto, porém, acredita-se ter podido sintetizar de forma simples os conteúdos. Mesmo sob um viés bem determinado, como o do presente texto, espera-se ter colaborado com a discussão.

Endereço do autor:  
Rua dos Bambus, 519  
CEP: 09175-170  
Santo André - SP  
E-mail: carlos.tafarelo@gmail.com

## Bibliografia

AQUINO, T. *De natura verbi intellectus*. In: SANTOS, Ivanaldo (org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011. Traduzido por Paulo Faitanin.

\_\_\_\_\_. *Sancti Thomae Aquinatis Quaestiones Disputatae*. Torino: Marietti, 1953, v.11, Ed. 9ª, p.215. Traduzido por Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

\_\_\_\_\_. Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.

FAITANIN, Paulo. A filosofia da linguagem tomista. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/a-filosofia-da-linguagem-tomista.php>>. Acesso em: 07 de novembro de 2012.

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

\_\_\_\_\_. *Posthumous writings*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

KENNY, Anthony. *Aquinas, on being*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Frege, an introduction to the founder of modern analytic philosophy*. Oxford: Blackwell, 2000.

MARITAIN. *A ordem dos conceitos, lógica menor*. 3ª ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2001.

MIGUENS, Sonia. *Filosofia da Linguagem, uma introdução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

PINTO DE OLIVEIRA, Carlos Josaphat. *Paradigma teológico de Tomás de Aquino*. São Paulo: EDT, Paulus, 2012.

SANTOS, Iveraldo (org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011.

\_\_\_\_\_. *O tomismo analítico*. Revista Aquinate, Rio de Janeiro, 2011, nº 14, p. 20 - 30. Disponível em:

<[http://www.aquinate.net/revista/edicao\\_atual/Artigos/14/C.Artigo.14.2.pp.20-30.pdf](http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Artigos/14/C.Artigo.14.2.pp.20-30.pdf)>.

Acesso em: 22 de novembro de 2012.

SILVA, Marco Aurélio Oliveira da. *Considerações sobre o tomismo analítico*. Revista Aquinate, Rio de Janeiro, 2010, nº 12, p. 78 - 90. Disponível em:

<[http://www.aquinate.net/revista/edicao\\_atual/Artigos/12/Artigo.7-Silva.pdf](http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Artigos/12/Artigo.7-Silva.pdf)>.

Acesso em: 06 de novembro de 2012.

SOARES, Maria L. Couto. *Conceito e Sentido, introdução à filosofia da linguagem em Frege*. Disponível em:

<[http://www.academia.edu/893122/Conceito\\_e\\_sentido\\_em\\_Frege](http://www.academia.edu/893122/Conceito_e_sentido_em_Frege)>.

Acesso em: 09 de novembro de 2012.

SODRÉ, Felipe Arruda. *Algumas considerações sobre o conceito, o sentido e a referência em Tomás de Aquino e em G. Frege*. In: COSTA (org.); DE BONI (org). *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 253 - 264.

TORRELL, J. P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino, sua pessoa e obra*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.